



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*  
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, de autoria da Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos.

**Editora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos (Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*) - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>  
<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>

**Revista indexada em:**

**NACIONAL**

**WEBQUALIS** - <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam> - da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil), em **nove** (atualizado em 27/out./2013) subáreas do conhecimento (conforme tabela da CAPES/2012): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Geografia (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B3**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Artes/Música (**B5**), Multidisciplinar: Ensino: Ensino de Ciências e Matemática (**B2**), Multidisciplinar: Biotecnologia (**C**).  
**GeoDados** - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

**INTERNACIONAL**

**CREFAL** (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>  
**DIALNET** (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>  
**GOOGLE SCHOLAR** - <http://scholar.google.com.br>  
**IRESIE** (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>  
**LATINDEX** (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>  
**REBIUN** (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

**n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências**

**Artigo recebido em 18/fev./2015. Aceito para publicação em 23/abr./2015. Publicado em 1/jun./2015.**

**Como citar o artigo:**

FEITOSA, Raphael Alves. Um jogo de cartas marcadas: como um jornal veicula o desenvolvimento sustentável. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*. Editora Dra. Valdeci dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015, p. 22-39. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

**UM JOGO DE CARTAS MARCADAS: COMO UM JORNAL VEICULA O  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL<sup>1</sup>**

**A SET OF MARKED CARDS: AS A NEWSPAPER COMPRISES SUSTAINABLE  
DEVELOPMENT**

**Raphael Alves Feitosa**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará 

Professor da Universidade Federal do Ceará 

E-mail: raphael.feitosa@ufc.br

23

## RESUMO

O presente artigo traz como objetivo é analisar matérias do jornal Diário do Nordeste, meio de comunicação cearense, as quais versassem sobre a temática ambiental, como foco em desenvolvimento sustentável. Numa apreciação de algumas reportagens, discute-se sobre as concepções sobre o desenvolvimento sustentável, difundidas sobre o ponto de vista do capitalismo, subjacentes ao discurso conduzido por esse veículo de comunicação nordestino. Destacam-se a crítica marxista sobre a educação, abordando a ideia de hegemonia como ferramenta para compreensão do papel dos meios de comunicação na disseminação do tema em análise. Outrossim, aborda-se os fetichismos da mercadoria e da individualidade como mote do atual mundo contemporâneo. Na análise dos resultados, destacam-se a opressão explícita do sistema contra aqueles que lutam contra o domínio e a exploração do ser humano por seu igual, bem como contra os opositores do atual monopólio da natureza nas mãos de uma minoria privilegiada. Por fim, fazem-se críticas à apropriação do jogo de cartas marcadas do capitalismo ao chamado desenvolvimento sustentável. Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável. Educação Ambiental. Meios de Comunicação. Jornal. Marxismo.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to present analyze as the newspaper Diário do Nordeste, a media from Ceará, Brazil, comprises the environmental issues, such as focusing on sustainable development. An appreciation of some reports, it discusses about the concepts of sustainable development, widespread on the point of view of capitalism, driven by underlying discourse that brazilian newspaper. We highlight the Marxist criticism of education, addressing the idea of hegemony as a tool for understanding the role of media in disseminating the theme in question. Moreover, it approaches the fetishes of the goods and individuality as a focus of the current contemporary world. In the appreciation of the results, they highlight the explicit system of oppression against those who fight against the domination and exploitation of human beings by their equal, as well as against opponents of the current monopoly of nature in the hands of a privileged minority.

---

<sup>1</sup>Um resumo da presente pesquisa foi apresentado no I Colóquio de Educação Ambiental para o Semiárido Nordestino: da pedagogia dialógica à sustentabilidade ambiental (João Pessoa, UFPB, 2011), com o título de “Um Jogo de Cartas Marcadas: uma visão crítica sobre o desenvolvimento sustentável”.



Finally, they become critical appropriation of playing cards marked from capitalism to so-called sustainable development. Key-words: Sustainable Development. Environmental Education. Media. Newspaper. Marxism.

## INTRODUÇÃO

Quando se traz à tona o tema da Educação Ambiental (EA), temos o grande desafio de discorrer sobre os diversos aspectos que compõem o ambiente, incluindo seus aspectos naturais, culturais e humanos. O desafio fica ainda maior, quando buscamos compreender essa temática dentro do semiárido nordestino. Isso porque a região possui características peculiares climáticas, especificidades sociopolíticas e culturais - tanto em relação a outras partes do país, quando dentro do próprio Nordeste brasileiro (FIGUEIREDO, 2007).

Nesse sentido, acredito que é importante buscar alternativas, ações viáveis, para a permanência com dignidade dos sujeitos na região - e, não, o seu abandono desumano. Concebo que é basilar, para que não haja o abandono do sertão pelos seus residentes, haver uma ampla valorização dos povos sertanejos, com o desenvolvimento de políticas voltadas para o campo.

Sobre essa temática, a educação, sem dúvidas, deve fazer parte desse conjunto de políticas públicas. Com relação aos aspectos educativos do povo sertanejo, recorro às ideias de Abílio (2011), o qual afirma a relevância de se educar os jovens do semiárido de forma contextualizada, isto é, de se respeitar as vivências regionais e tomar essa experiência como fonte primária para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem.

Após essas considerações iniciais, vou descrever os objetivos com a presente reflexão-investigação. O objetivo desse artigo é discutir, de forma crítica, algumas matérias de um renomado jornal nordestino, buscando por entender as concepções subjacentes a tais objetos, no que tange ao movimento ambientalista ao desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade.

Como ponto de partida, é relevante explicitar que compreendo que a EA deve ser contextualizada, ou seja, deve conceber o semiárido como tema basilar nas salas de aula da região, através do enfoque na convivência sustentável de educadores-educandos com o meio ambiente em que habitam. Nesse sentido, a educação ambiental com base crítica e dialógica ganha proporção fundamental na discussão de novas propostas para a EA no semiárido.

Em especial, no estado do Ceará, objeto de minha reflexão-investigação, o semiárido representa a maior parte de seu território, cerca de 90% de suas terras. Assim, é relevante a análise de formas educativas, no sentido amplo do termo, as quais se (eco)relacionem com a região (ARAÚJO; SOUSA, 2011; FIGUEIREDO, 2007).

No entanto, como expõem Farias e colaboradores (2012), para se alcançar uma educação contextualizada e dialógica, os educadores enfrentam, nessa região, diversos problemas, por exemplo, os baixos níveis de investimento na formação inicial/continuada de professores e gestores do ensino, a falta de materiais didáticos relacionados à região, bem como de recursos destinados ao combate ao trabalho infantil, financiamento e fiscalização do transporte escolar e merenda escolar.

Outrossim, é relevante destacar que a Educação Ambiental, tema que trato na presente pesquisa, está conectada a dois pontos essenciais: ao desequilíbrio ecológico e ao assunto da educação. Para Tristão (2005, p. 253), os desequilíbrios ambientais e a educação são heranças de um modelo de desenvolvimento socioeconômico capitalista, o qual se caracteriza pela “redução da realidade a seu nível material econômico, pela divisão do conhecimento em disciplinas que



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

fragmentam a realidade, pela redução do ser humano a um sujeito racional, pela divisão das culturas (...)”.

Essa perspectiva de Educação Ambiental considera que é no ambiente natural/cultural e através da educação que os atores sociais operam cotidianamente. Não obstante, eles estão intensamente permeados por uma ideologia<sup>2</sup> desenvolvimentista e cientificista que se impõe globalmente, em nome de uma racionalidade da ciência moderna. Buscando contrastar com essa lógica, é preciso definir a identidade do que chamo de Educação Ambiental, identidade essa a qual seja política e que se consolide nas ações quotidianas, “que se enraíze em pensamentos constantes e que, efetivamente, seja capaz de ousar a transformação necessária para o caminho adiante” (SATO, 2001, p. 24).

Destarte, esclareço que concordo com Foster (2005), Löwy (2005), Mészáros (2011) e com Jimenez e Terceiro (2009) ao afirmarem que a educação deve objetivar a **emancipação humana**, ou seja, uma forma de sociabilidade na qual os seres humanos sejam efetivamente livres, propondo a erradicação do capital e de todas as suas categorias.

O modelo capitalista transformou tudo e todos em mercadoria, na sua busca desenfreada por lucro, transformando a Terra no reino do dinheiro e da cobiça. Ainda, o capital está na mão de uma minoria de pessoas. Esses desumanizam o ser humano, criam uma cultura voltada à alienação e aniquilam a natureza para acumular riqueza, transformando “o planeta em recurso\$ natural\$ e seus habitantes em recurso\$ humano\$” (FEITOSA; FEITOSA, 2011, p. 271).

Não obstante, compreendo que a emancipação humana não é algo inevitável, e sim uma utopia possível, a qual depende da luta dos próprios seres humanos e cujos alicerces se localizam na materialidade do próprio ser social.

Como se não bastassem os problemas inerentes à concretização dessa proposta emancipadora, atualmente, observa-se uma dificuldade na materialização de novas propostas sugeridas pelos/para os educadores da região (ABÍLIO, 2011; FARIAS; BORGES; SILVA, 2012). Como uma forma de explicar essa dificuldade, recorrerei à ideia de hegemonia. Essa última se refere a um conjunto organizado de significados e práticas, dominantes de significados, valores e ação existentes e reais (APPLE, 1982; GRAMSCI, 1988).

Segundo alguns autores (FEITOSA; DIAS; FEITOSA, 2012; FEITOSA; FIGUEIREDO, 2013; JIMENES; TERCEIRO, 2009; SATO, 2001), existe uma concepção hegemônica de EA ligada às perspectivas tradicionais da educação. E qual seria o papel da educação na disseminação desta concepção? Para tentar responder a esta questão, cito, a seguir, alguns elementos das chamadas Teorias Críticas (TC) de educação, no tocante a hegemonia, que será a base para as minhas reflexões posteriores. Apesar de não haver uma visão única de educação dentro dessa linha, suas ideias podem ser coligadas pelo início da crítica neomarxista às teorias tradicionais de educação. Nas TC existe uma conexão entre a forma como a economia está constituída e a forma como o ensino está organizado.

Diante dessa conotação crítica, a hegemonia pode ser entendida como um conjunto de valores que foram incorporados pelas massas, que se torna a única “realidade” possível, e a mais “natural”, para a maioria das pessoas na sociedade. Como nos diz Apple (1982, p. 14), a hegemonia atua para saturar nossa própria consciência, de forma que “o mundo educacional, econômico e social que vemos e com interagimos, e as interpretações fundadas no senso comum que a ele atribuímos, tornam-se o mundo *tout court*, o único mundo”.

Seguindo essa linha de pensamento, as instituições educacionais são em geral os principais agentes de transmissão da cultura dominante, tornando-se essencialmente uma

<sup>2</sup>Considerando-se que ideologias não são descrições disfarçadas do mundo, mas sim descrições reais do mundo a partir de um ponto de vista específico, normalmente, o ponto de vista da classe dominante (APPLE, 1982).



## n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

atividade econômica e cultural. Assim, a questão não é compreender qual pensamento é verdadeiro, mas qual pensamento é considerado verdadeiro:

É preciso que sejam formuladas ao menos essas questões a respeito de três áreas da vida escolar: (1) como as regularidades diárias básicas das escolas contribuem para o aprendizado pelos estudantes dessas ideologias; (2) como as formas específicas do conhecimento curricular, tanto no passado como no presente, refletem essas configurações; e (3) como essas ideologias se refletem nas perspectivas fundamentais empregadas pelos educadores para ordenar, guiar e conferir significado à sua própria atividade (APPLE, 1982, p. 7).

26

Assim, os adeptos das Teorias Críticas de educação defendem que os modelos tradicionais da educação, os quais se baseiam na eficiência técnica, descuidam do conteúdo real do próprio saber, desconhecendo o contexto social, cultural, político e econômico onde funcionam estas ciências. Igualmente, ignoram como estes saberes se tornam dominantes ao longo do tempo histórico.

Seguindo as percepções de Apple (1982), é preciso que todos e todas "aprendam" os valores da classe dominante para garantir a efetuação da hegemonia cultural. Tal aprendizado pode se dar através da educação formal, como nas escolas e universidades, bem como de maneira informal, como através dos meios de comunicação.

No entanto, estes valores da classe hegemônica não abroham de uma forma explícita, mas sim de uma forma implícita. Muitas vezes, reproduzimos esses padrões com atitudes inconscientes. Desta feita, foi edificado dentro da estrutura da educação, um núcleo de significados fundados no senso comum, que prega o consenso normativo e o ajuste ao sistema cultural dominante, e onde o conflito na sociedade é encarado como naturalmente antiético à harmonia da ordem social. Isto torna o consenso uma característica marcante e importante na sociedade capitalista.

No semiárido nordestino, tal política de consenso, a “naturalização” de ações não naturais, e a educação voltada a uma adequação a sociedade capitalista, torna-se visível (ABÍLIO, 2011; ARAÚJO; SOUSA, 2011; FEITOSA; DIAS; FEITOSA, 2012; FIGUEIREDO, 2007). Vejamos o caso da seca. A seca é disseminada nos meios de comunicação como um fenômeno de ordem climática, natural da região, no qual os sertanejos não podem fazer nada para enfrentar tal calamidade, pois “isso sempre foi assim”. Tal visão gera uma postura de acomodação diante dos flagelos oriundos da temática.

Por outro lado, adotando um ponto de vista crítico, pode-se indagar: por que os governantes não constroem obras para evitar a falta d’água, como açudes, cacimbas, cisternas, barragens, adutoras, etc.? Certamente, a resposta dessa pergunta não parece ser simplista, porém ela passa por uma articulação entre os aspectos estruturais e superestruturais do sistema de produção capitalista. Destarte, quando algum político realiza a construção de uma determinada obra, ele passa a ser visto como sendo uma “alma caridosa”, e não alguém que é escolhido pelo povo com a finalidade (e obrigação) de fazer tais atos. Esse conjunto de relações faz parte do que se chama de “indústria da seca” (FIGUEIREDO, 2007). Por fim, a educação (formal, informal e não-formal) tem um papel fundamental da disseminação dessa “indústria”, ou no enfrentamento revolucionário de tal situação.

Aqui, cabe ressaltar que existem estruturas da sociedade civil que são repletas de interesses políticos, financeiros, e possuem funções de dispersão de determinadas visões de mundo, contribuindo para a manutenção da hegemonia. Como exemplos de tais estruturas temos



os **meios de comunicação**, instituições religiosas, instituições educativas, partidos políticos (GRAMSCI, 1988). E é exatamente sobre um meio de comunicação, um jornal cearense, que a presente investigação pretende tecer algumas reflexões.

Tal tipo de estudo não é novidade no campo da educação ambiental e de seus temas relacionados. Por exemplo, Fabrício (2011) analisou as representações ambientais em um meio de comunicação diário, no qual observou a existência de representações sociais ligadas a uma ideia restritamente naturalista da educação ambiental.

Costa (2008) também investigou, de forma similar, o aumento cada vez mais exponencial sobre as notícias a respeito de desmatamentos e queimadas na Amazônia da década. Seu estudo compreendeu o período entre os anos 70 aos anos 2000, período em que o autor admoesta que teve um verdadeiro “boom ambiental” de reportagens sobre essa temática. Segundo a autora, durante o período analisado, os atores sociais - pequenos agricultores, fazendeiros, índios, madeireiros – são apresentados ora como “vilões” ora como “vítimas” do acentuado processo de desmatamento e queimadas na supradita floresta.

Outro trabalho que seguiu a mesma linha foi o de Amorim (2008), no qual a autora fez uma análise sobre o conteúdo do jornalismo científico do jornal Folha de São Paulo, buscando sobre uma compreensão sobre o tema da Nanotecnologia. A pesquisadora apresenta como resultado principal a perspectiva de que houve uma modificação, ao longo da última década, na forma como essa nova tecnologia foi apresentada ao público. Inicialmente, ela era vista como uma ciência revolucionária, a qual tinha potencialidades de aquilatar vários aspectos da vida humana. Posteriormente, o jornal passou a expor algumas polêmicas sobre os riscos da nanotecnologia.

Mais recentemente, Miguel (2012) investigou as representações sociais e paradigmas da imprensa nacional na cobertura das políticas ambientais. Essa autora destacou em seu artigo que a cobertura ambiental é constante, entretanto reproduz padrões antropocêntricos, positivistas e reitera uma visão economicista/utilitarista da natureza.

## O JOGO QUE A MÍDIA NÃO MOSTRA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A bela bola rola: A bela bola do Raul.  
Bola amarela, A da Arabela [...]  
A bola é mole, É mole e rola.  
A bola pula. É bela e pula.

(Cecília Meireles)

Para discutir as temáticas da educação ambiental e do desenvolvimento sustentável farei uma analogia com os jogos. Da mesma forma que no poema de Cecília Meireles, existem várias concepções de mundo, ou “*várias bolas*” – uma azul, uma amarela, etc. No entanto, quando “*a bela bola rola*” nas linhas escritas/faladas pelos meios de comunicação em massa, a imprensa privilegia determinadas visões, criando um consenso e uma “naturalização” do mundo. Dito de outra forma: eles contribuem para a criação do consenso hegemônico (APPLE, 1982). As palavras, assim como a bola que “*é mole e rola*”, rolam pelos olhos/ouvidos dos espectadores desse jogo.

Saindo do jogo de bola e indo para o jogo de cartas, na jogatina do mercado capitalista, o jogo hegemônico é um baralho de cartas marcadas, donde apenas os dominantes do poder e do



## n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

dinheiro é que ganham no jogo. Os dominados que jogam não podem ganhar. Eles são sumariamente excluídos dos ganhos. Nesse jogo, todos participam, porém de formas desiguais, e gera-se uma postura que deve ser questionada:

Como não questionar a postura ética de um parlamentar que é acusado de omitir na declaração de bens da Justiça Eleitoral um castelo com 36 suítes, avaliado em 25 milhões de reais? Grande parte desta crise de representatividade é provocada pela insistente corrupção pública que age como um câncer no tecido social e corrói a crença dos cidadãos nas instituições e principalmente nos representantes eleitos através do sufrágio universal (ABREU, 2011, p.11).

28

No jogo do capital, um importante conceito que pretendo discutir é o de *desenvolvimento sustentável*. Esse surge como um daqueles termos que parece ter entrado para o vocabulário popular, como um modismo ou algo do tipo, muito difundido pela mídia em geral. Esse lexema foi inicialmente proposto no ano de 1987, num relatório pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, das Nações Unidas, intitulado “Our common future” (Nosso Futuro Comum). Posteriormente, esse documento ficou sendo popularizado pelo chamado Relatório Brundtland, o qual traz como ideia um tipo de desenvolvimento para atender as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações porvindouras de consentir as suas próprias necessidades (LEFF, 2006).

A perspectiva que consta no supradito documento é que, durante muito tempo, vivermos sem nos preocuparmos com o esgotamento dos recursos naturais da Terra, todavia, presentemente, temos que aprender a habitar de forma sustentável em nosso planeta. Nessa perspectiva, a UNESCO (2005) cunhou o período de 2005 até 2014 como sendo a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

Para essa organização, o desafio da década “é estimular mudanças de atitude e comportamento na sociedade mundial” (UNESCO, 2005, p. 9). Isso porque, os aspectos da vida humana - nossas capacidades intelectuais, morais e culturais - impõem responsabilidades para com todos os seres vivos e para com a natureza de um modo geral. Conforme consta no documento, o objetivo global da “Década é integrar os valores inerentes ao desenvolvimento sustentável em todos os aspectos da aprendizagem com o intuito de fomentar mudanças de comportamento que permitam criar uma sociedade sustentável e mais justa para todos” (p.16).

No entanto, a ideia de desenvolvimento sustentável recebeu diversas críticas (FOSTER, 2005; LOUREIRO, 2006; LEFF, 2006; LÖWY, 2005). Os opositores desse lexema indicam as contradições que surgem com o mesmo, como, por exemplo, a crença de que ele não é capaz de abordar os aspectos controversos relacionados com a ordem política e econômica, as guerras, os problemas de armamentos, aumento da população, urbanização, monopólio financeiro e cultural de alguns povos.

Isso ocorre porque a base de funcionamento do sistema capitalista como um todo se dá pela busca de expansão do capital, obtida na produção de mercadorias cujo valor de troca ultrapasse o valor gasto na produção (FOSTER, 2005; MARX, 1996; MÉSZÁROS, 2011). Nesse sentido, essa característica inerente ao próprio capitalismo, a busca de expansão constante, entra em contradição com o chamado “desenvolvimento sustentável”. É preciso haver um movimento continuamente renovado de circulação de dinheiro para que o capital se mantenha, passando o dinheiro a ter um fim em si mesmo, pois a expansão do valor só existe nesse movimento. Por



## n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

isso, o movimento do capital não tem limites. Trata-se de um objetivo puramente quantitativo, ratificado pela unidimensionalidade do capitalismo.

Baseado apenas num critério monetário quantitativo, o mercado capitalista direciona e sanciona os desenvolvimentos compatíveis com a lógica de expansão capital. Como consequência, mesmo que seja à custa de uma brutal desigualdade social ou da destruição ambiental, esse sistema buscará a eficiência produtiva e o lucro, sancionado pela concorrência econômica.

Tal modelo de produção, aliado com a mundialização do capital, os quais estão baseados no lucro e na exclusão social, não apenas segrega cada vez mais ricos e pobres, globalizadores e globalizados, países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Após essas reflexões encetais, a seguir, irei expor o percurso metodológico adotado na presente investigação.

29

### PERCURSO METODOLÓGICO

A investigação-reflexão aqui exposta pode ser inserida dentro das abordagens qualitativas de pesquisa, haja vista que adota a dimensão subjetiva da busca pelo saber científico e do estabelecimento de possíveis inferências sobre os as ponderações aqui produzidas (SILVERMAN, 2009).

Seguindo essa perspectiva, acredito que os pontos apresentados aqui não correspondem à verdade vista de forma fixa, monocórdica e única. Ao contrário, quero expressar *uma* hipótese plausível, dentre as várias possíveis, de um determinado fato social.

Diante desse ponto de vista, utilizei como ferramentas de pesquisa a análise de documentos. Os documentos são fontes de dados para o pesquisador, que proporcionam informações sobre ocorrências/pensamentos que o investigado não observou (SILVERMAN, 2009). Essa ferramenta é muito utilizada como método de investigação, pois, geralmente, pode ser obtidas a baixo custo (AMORIM, 2008; COSTA, 2008; FABRÍCIO, 2011; MIGUEL, 2012).

No delineamento da pesquisa, escolhe como amostra uma série de matérias publicadas nos últimos quatro anos pelo jornal Diário do Nordeste, tabloide diário que circula no estado do Ceará desde o ano de 1981, vinculado ao Sistema Verdes Mares de Comunicação, um poderoso conglomerado de rádio-televisão-jornal cearense. Esse Sistema é, inclusive, o detentor dos direitos de transmissão da Rede Globo de Televisão, maior grupo de comunicação do País, no território cearense.

A eleição desse jornal se deu porque o mesmo possui ampla circulação no referido estado, sendo o jornal de maior distribuição nesse território, além de abranger as zonas litorâneas e sertanejas cearenses. O periódico possui, inclusive, um bloco voltado para as questões das regiões interioranas do estado cearense, chamado de caderno “Regional”. Destarte, a publicação pode ser acessada via eletrônica, o que facilita ainda mais a difusão do tabloide. Assim, esse periódico é um dos poucos meios de comunicação difundidos na região semiárida do Ceará (REDE GLOBO. 2014).

Para a investigação, foram escolhidas as notícias desse jornal, entre os anos de 2009 a 2014, que tivessem em seu título e/ou subtítulo os lexemas *desenvolvimento sustentável* ou *sustentabilidade*. O número de reportagens que foram analisadas foi de cerca de duzentas.

Ressalto que, no presente texto, exponho apenas algumas notícias para exemplificar nossas percepções em torno do tema investigo – desenvolvimento sustentável. Pretendo, com



isso, indicar os pontos mais relevantes da análise, os quais podem representar o ponto de vista totalizante do supracitado jornal.

Para a análise dos dados, depois da seleção do material, segui as orientações metodológicas de Bardin (1977), através da *Análise de Conteúdo* com os dados coletados segundo Bardin (1977 *apud* FRANCO, 2005). Essa perspectiva analítica leva em conta a análise dos dados em dois polos do discurso: a rigorosidade e a necessidade de ir além das aparências contidas nos documentos oficiais e discursos dos participantes da pesquisa. Tal técnica aplica-se a tudo que é dito em depoimentos ou escrito em textos, além do que está contido em imagens de filmes, desenhos, pinturas, cartazes, televisão e toda comunicação não verbal: gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais.

Acompanhei os passos apontados por Bardin (1977) e Franco (2005), a saber: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. De início, fiz uma leitura flutuante, no intuito de obtenção das primeiras impressões. Após essa leitura optamos por analisar as notícias sobre o tema em questão em todas as seções do jornal. Por fim, durante a interpretação dos dados, busquei um diálogo com os marcos teóricos traçados, em especial as questões ligada a EA Crítica, pois eles deram o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo, dando sentido à interpretação.

A seguir, apresento as principais reflexões sobre algumas reportagens que se enquadram no escopo aqui investigado – desenvolvimento sustentável. As matérias apresentadas nessa pesquisa podem ser lidas na íntegra, nos endereços eletrônicos que constam em anexo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento do texto, apresentarei o resultado de minha análise sobre algumas matérias publicadas no jornal Diário do Nordeste. Nos quadros<sup>3</sup> abaixo, temos os títulos, subtítulos e frases que dizem respeito ao meio ambiente, como foco nas perspectivas sobre o desenvolvimento sustentável.

### **Reportagem 1: “Em busca da sustentabilidade”**

*Operadoras de telefonia móvel buscam melhorar processos e se preocupam com o descarte correto.*

Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o Brasil terminou o mês de abril de 2011 com 212,6 milhões de celulares e uma densidade 109,3 aparelhos móveis para cada 100 habitantes. Ante o crescimento acelerado do consumo, as operadoras têm buscado atuar de maneira mais sustentável - embora a queda na qualidade do serviço venha gerando aborrecimentos aos clientes.

As empresas de telefonia no Brasil estão investindo em sustentabilidade de formas diversas. As iniciativas vão desde programas para descarte correto de celulares e acessórios até o financiamento direto a projetos socioambientais. [...]

Um dos programas que melhor traduz esta crença é o Vivo Recycle seu Celular, que surgiu em 2006, com o objetivo de coletar aparelhos celulares, baterias e acessórios, para o reaproveitamento de todos componentes. No fim de 2010, o programa já havia recolhido mais de 2,5 milhões de itens (aparelhos e acessórios), e conseguiu recuperar mais de 85% dos materiais recolhidos.

<sup>3</sup> Cada quadro representa uma determinada matéria, cujo título encontra-se em negrito, e o(s) subtítulo(s) em itálico.



**n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências**

Vejam com muito cuidado essa reportagem. Numa análise mais minuciosa, notamos, de início, que existem mais aparelhos de telefone celular que habitantes no Brasil. Percebe-se que esses números assombrosos incluem as crianças também.

Gostaria de chamar a atenção para a constatação de que há “crescimento acelerado do consumo”. Mas o que leva a tal consumo? Para responder a tal questionamento, recorrerei à ideia de fetichismo da mercadoria.

Numa época em que se observa um esforço internacional na discussão de aspectos ecológicos e ambientais, tal momento parece ser bloqueado pela força opressiva do capitalismo, o qual avança das suas formas tradicionais de apropriação primitiva a uma nova estratégia que tenta legitimar a apropriação econômica dos recursos naturais por meio da propriedade intelectual e da naturalização do domínio de um pequeno grupo de pessoas que consome a maior parte dos recursos do planeta.

Nesse sentido, é relevante perceber a alienação que existe na sociedade capitalista, a qual avança, também, por meio do que se pode entender por fetiche da mercadoria. Tal fetichismo representa a concepção de que muitas pessoas passam a ver as mercadorias com vidas próprias, envoltas em um caráter místico, capaz de fazer o ser humano feliz – quando ele consegue comprar determinado bem. Os valores passam a fazer parte de uma suposta propriedade natural das coisas, e as mercadorias começam a ser vistas como o único meio para a felicidade.

Marx (1996), em “O Capital” já denunciava o caráter fetichista da mercadoria. Para o autor, isso representa um devaneio, já que afasta a noção do trabalho humano incorporado ao valor, só alimenta as bases da produção capitalista. Em suas palavras: “O caráter místico da mercadoria não provém, pois, do seu valor-de-uso. Não provém tão pouco dos factores (sic) determinantes do valor” (p. 196). Cabe ressaltar que tais fatores determinantes são frutos das relações entre os seres humanos, e “este caráter fetiche do mundo das mercadorias decorre, como mostrou a análise precedente, do caráter social próprio do trabalho que produz mercadorias” (p.197).

Como uma manobra astuta no jogo do capital, para evitar o impacto de um possível motim de seus jogadores alienados, o capitalismo faz uso da ideologia com a finalidade de mascarar as reais contradições advindas das relações homem/trabalho (MÉSZÁROS, 2011). Essa ideologia que está inserida em todos os âmbitos da sociedade, e em especial é difundida pelos meios de comunicação, através do número astronômico de publicidade o qual somos bombardeados diariamente, e cria um discurso para entorpecer o pensamento (FEITOSA, 2013; FOSTER, 2005).

Por fim, vejamos a incongruência que existe na visão de “sustentabilidade empresarial”: como é possível perceber que as indústrias “estão investindo em sustentabilidade de formas diversas”, se elas fabricam cada vez mais celulares? Como é possível falar de desenvolvimento sustentável se temos mais aparelhos que pessoas?

Certamente, sabemos que falar de desenvolvimento sustentável dessa forma é impossível. Porém, a reportagem indica que “o programa já havia recolhido mais de 2,5 milhões de itens [celulares]”. Será que tal programa representa uma “salvação”? Cremos que a resposta é negativa, pois são mais de “212,6 milhões de celulares” em nosso país, e apenas uma pequena fração é reaproveitada.

Destarte, Leff (2006) denomina o “modismo” da busca desenfreada por novos aparelhos eletrônicos de “fetichismo da tecnologia”, ampliando o conceito marxiano de fetichismo da mercadoria.



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

### **Reportagem 2: “Estímulo à sacola retornável”**

*Os estabelecimentos da Super Rede vão tentar conter o uso de sacolas de plástico, prejudicial ao meio ambiente.*

Frear o consumo de sacolas plásticas, como medida de preservação ecológica. Com essa proposta, a Super Rede realiza hoje, uma campanha chamada de Dia da Parada pelo Meio-ambiente. Durante toda a segunda-feira, os estabelecimentos filiados à entidade no Ceará não disponibilizarão os sacos plásticos em seus caixas. Para acomodar as compras, os consumidores podem levar a sua sacola de casa, ou adquirir as de uso retornável vendidas nas lojas. Para quem preferir não gastar, outra opção oferecida serão caixas de papelão.

32

Já nessa reportagem, temos como solução “sustentável” para não prejudicar o desenvolvimento que “os consumidores podem levar a sua sacola de casa, ou adquirir as de uso retornável vendidas nas lojas”. Observando bem esse argumento, noto que, na verdade, o capital cria uma nova forma de fazer dinheiro: através da venda de sacolas “de uso retornável vendidas nas lojas” do supermercado. Claro, para lucrar mais, em vez de dar as sacolas, por que não vendê-las com o subterfúgio de “frear o consumo de sacolas plásticas”.

Certamente, mudar nossos hábitos individuais é muito importante, como o modelo pregado pela UNESCO (2005) em sua Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável – no caso da reportagem, deixar de usar plástico e passar a usar materiais biodegradáveis – entretanto, isso não é o bastante. Isso porque, tal visão é o que podemos de chamar de “fetichismo da individualidade”, utilizando terminologia presente em Loureiro (2006).

Dito de outra forma, esse fetichismo representa o entendimento implícito ou explícito da ação individual como “algo em si”, “verdade em si”, descolado das relações sociais, idealizado e reificado. Tal visão fetichista é um efeito no pensamento dominante e da própria fragmentação da organização social capitalista. Em tal modelo de sociedade, o importante não são os valores/ações coletivos, e sim, o que é feito individualmente. Implicitamente, essa visão traz a marca de que é preciso dividir o povo para dominá-lo, ou seja, ao enfatizar a individualidade, o capital espera que nos esqueçamos da nossa força de atuação em conjunto, em classe, em espécie.

Nesse sentido, sob o guarda-chuva da cultura hegemônica, o fetichismo da individualidade atua em nome de uma pretensa liberdade individual. Aqui, para a EA trago uma importante admoestação: “o discurso da ‘reconexão com a natureza’ por meios transcendentais, sem considerar a trajetória de cada um e o lugar a partir do qual nos situamos e atuamos no mundo, acaba sendo a própria negação da liberdade” (LOUREIRO, 2006, p. 47).

O que essa concepção individualista, marcada pela ênfase na mudança de comportamento individual, traz como equívoco é achar que ações individuais – como, pó exemplo, usar bicicleta em vez de carro, economizar água, não usar sacolas plásticas, etc. - vão modificar completamente a situação de destruição da natureza. Isso porque, a economia capitalista atual é voltada para a busca do lucro desenfreado, e as tentativas de mudança a nível meramente individual transformam-se em forma de novos consumos (comprar em vez de sacolas plásticas, sacolas de uso retornável) e produção de mercadorias (sejam bicicletas, sacolas, celulares, etc.) em vez de gerar resultados socioambientais efetivos.



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

### **Reportagem 3: “Líder comunitário morto em Limoreiro- CE”**

O barril de pólvora da pistolagem explodiu mais uma vez na Região Jaguaribana. A morte do agricultor e comerciante José Maria Filho, executado com 19 tiros de pistola calibre Ponto 40 e uma escopeta 12, ganhou fortes contornos sociais. O principal líder comunitário da Chapada do Apodi e autor das principais denúncias envolvendo contaminação por agrotóxicos e pela concentração fundiária em uma das regiões fruticultoras mais ricas do Nordeste, foi sepultado na noite de ontem, com a presença de grupos de pesquisadores, movimentos sociais e da comunidade que ele liderava. [...]

A causa de José Maria Filho ganhou visibilidade por uma série de reportagens exclusivas do Diário do Nordeste, denunciando a utilização irregular de agrotóxicos. O caso gerou muita repercussão e José Maria alegava que recebia ameaças. Outra denúncia foi a concentração de terras na Chapada do Apodi por grandes grupos empresariais que, conforme o próprio Departamento Nacional de Obras Contrás as Secas (DNOCS), nenhuma das grandes fazendas fruticultoras possui títulos das terras. O agricultor fazia parte do grupo de desapropriados da chapada. Por vários anos era presidente da Associação dos Ex-Irrigantes do Jaguaribe Apodi.

Outrossim, ao analisar a terceira e última matéria de jornal, percebo que essa retrata a violência acometida contra um líder comunitário, agricultor da região sertaneja cearense, o qual lutava contra os poderosos da região. A violência brutal empregada no assassinato de José Maria Filho traz de volta a discussão sobre o explícito fim de quem se opõe aos opressores: a morte.

Aqui, poderia acoplar a essa lista vários outros nomes de líderes trucidados em situações similares, em outras regiões do país, apenas para título de relembração, trago o nome de Chico Mendes, Dorothy Stang, e mais recentemente, José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo da Silva. No caso específico que consta na reportagem, morte de José Maria Filho, o referido Jornal oculta que a polícia cearense não tem sequer uma única pista sobre os assassinos e mandantes desse crime. Novamente, a sensação de corrupção e impunidade assola o semiárido nordestino, e da mesma forma tal efeito ocorre em outras partes do país (ABREU, 2011; MIGUEL, 2012).

### **Reportagem 4: Brasil priorizará o tema da sustentabilidade no Fórum Mundial da Ciência**

A sexta edição do Fórum Mundial da Ciência, [...] debaterá a proposta brasileira que foca o tema da contribuição da ciência para o desenvolvimento sustentável.

[...] Outro tema que terá ênfase no fórum é a sustentabilidade. 'Um olhar sobre a questão da sustentabilidade, tratando, por exemplo, os biomas brasileiros ou a biodiversidade como um todo, agregando valor com alta dimensão, mitigando processos de perda de capacidade na questão climática, mitigando processos de perda de capacidade na própria floresta', explicou. O secretário acredita que esses são temas fundamentais, nos quais a ciência tem uma contribuição decisiva a dar.

Nessa quarta reportagem, apresentada aqui como exemplo, é possível perceber que a relação entre ciência e desenvolvimento sustentável é vista como algo que pode permitir um avanço no tocante ao enfrentamento dos problemas ambientais.



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

Todavia, essa relação é abordada na notícia acima como uma ciência que vem “agregando valor com alta dimensão”, conforme exposto no jornal. Essa perspectiva é, na verdade, uma visão utilitarista sobre a natureza, a qual é vista como mais um empreendimento do mercado (FEITOSA, 2013; LEFF, 2006; MIGUEL, 2012; TRISTÃO, 2005). Aparentemente, tal visão de mundo coloca a natureza como um objeto para ser usado e consumido, com seus recursos minerais, vegetais e animais, atendendo aos desejos do ser humano-consumidor.

Destarte, a problemática ambiental é vista como algo preocupante, pois pode gerar “processos de perda de capacidade na questão climática”. Notadamente, essa “perda” representa uma materialização da visão utilitarista sobre o planeta, na qual a natureza é vista como uma fonte de riqueza gratuita, para ser explorada, indicando que o valor de mercadoria sobrepuja os demais. Novamente, o jornal não traz nenhuma discussão a respeito dos determinantes socioculturais e produtivo que estão levando a essa problemática, o que acaba por contribuir para a disseminação da visão hegemônica de exploração sobre os meios naturais (FEITOSA; FIGUEIREDO, 2013; FOSTER, 2005; JIMENEZ; TERCEIRO, 2009).

34

#### **Reportagem 5: Polícia retira manifestantes, e obras no Cocó são liberadas.**

*Tratores adentraram o parque e destruíram o acampamento. O material encontrado foi levado por caminhões*

Após quase três meses de ocupação, a área do Parque do Cocó onde a Prefeitura de Fortaleza construirá dois viadutos foi desocupada, na tarde de ontem, depois de uma operação policial que durou cerca de apenas dez minutos, resultando em confronto entre policiais militares e manifestantes. Apesar da rapidez da ação, o clima foi bastante tenso, e duas pessoas chegaram a ser detidas. O Município assinou o documento de reintegração de posse e se prepara para seguir com as obras.

A derradeira reportagem discutida aqui traz como foco o Parque Ecológico do Rio Cocó, uma área de conservação estadual de 1.155,2 hectares, localizado na capital cearense (CEARÁ, 1989). Nesse local, no ano de 2013, a Prefeitura do Município de Fortaleza lançou um plano para a criação de dois viadutos em um dos cruzamentos mais movimentados da cidade.

O projeto da obra determinou a derrubada de uma faixa de árvores do Parque, uma das maiores áreas verdes urbanas da América Latina, o que causou a revolta de ambientalistas locais. Apesar de não estar explícito no texto da matéria do jornal, é relevante destacar que não houve nenhum tipo de discussão democrática sobre o projeto, o que agravou ainda mais a indignação dos manifestantes.

Um grupo contrário à obra ficou acampado no local, durante três meses, para evitar a derrubada das árvores. Como consta na notícia, a desocupação da área do Parque acabou “resultando em confronto entre policiais militares e manifestantes”. A tropa militar usou de violência durante o processo, empregando inclusive, bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha.

O projeto da Prefeitura iniciou as obras dos dois viadutos ainda no ano de 2013, que têm previsão de conclusão no final de 2014.

Do mesmo modo que se tem na Reportagem 3, a quinta notícia aqui exposta também traz como plano de fundo a violência contra aqueles e aquelas que se opõem aos mandos do capital.



## n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

Os manifestantes que outrora ocupavam o Parque do Cocó se opunham ao princípio da substituição do verde pelo frio concreto urbano.

De uma forma velada, a mensagem que a Reportagem 5 traz é que qualquer oposição aos dominantes do poder parece acabar em confronto físico, intervenção policial e prisões de opositores. Notadamente, essa parece ser a tônica do atual momento que vivemos, com constantes ameaças para a própria humanidade, como comentaram com propriedade Feitosa (2013), Loureiro (2006) e Mészáros (2011).

### TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considerando as cinco reportagens aqui apresentadas, as quais serviram de exemplo para ilustrar minha compreensão a respeito da forma como o desenvolvimento sustentável é difundido pelo jornal Diário do Nordeste, trazem como plano de fundo a visão capitalista sobre a natureza.

Três notícias veiculadas, Reportagens 1, 2 e 4, mostram uma ênfase em apresentar soluções para os problemas ambientais, visando contribuir com o desenvolvimento sustentável do planeta. Contudo, as soluções propostas ocultam os fetichismos da individualidade e da tecnologia.

Já as outras duas matérias, Reportagens 3 e 5, mostram o que acontece com os opositores do atual sistema de produção/distribuição de mercadorias. A violência empregada contra a população descontente com a atual situação é vista como “natural” por esse meio e comunicação.

Com base nessa análise, sem dúvida é preciso ter uma visão mais crítica sobre o desenvolvimento sustentável, haja vista que o jornal é uma forma educativa informal de transmitir uma determinada visão de mundo.

Numa apreciação mais ampla dessa questão, em última análise, a reflexão gira sempre em torno do mesmo jogo: o capitalismo funciona para produzir lucros custe o que custar (FEITOSA; FIGUEIREDO, 2013; FEITOSA, 2013; FEITOSA; DIAS; FEITOSA, 2012; FEITOSA; FEITOSA, 2011; FOSTER, 2005; LEFF, 2006; LÖWY, 2005).

Inclusive, se no meio desse jogo estiver à possibilidade de destruir algum ser humano ou ceifar a da vida em nosso planeta, o capital seguirá jogando movido pelo dinheiro e não pelas necessidades socioambientais.

A organização da economia na sociedade capitalista afeta tudo aquilo que ocorre nos demais campos sociais, incluindo-se a educação e a cultura. Em vista disso, as atividades escolares devem ser entendidas, não apenas em termos dos padrões de interação social que prevalecem nas salas de aula, mas sim em termos do padrão mais amplo da relação socioeconômica na estrutura social da qual a própria escola faz parte. No caso do semiárido cearense parece não ser diferente de outros locais do globo, no que diz respeito à disseminação, via jornal, das ideias do modelo de “desenvolvimento econômico” capitalista, como constatamos na pesquisa documental.

Somente assim, será possível tornar a utopia possível em realidade, construindo através da luta coletiva uma sociedade socialmente justa, culturalmente equitativa, e ambientalmente sustentável. E, citando as palavras de Loureiro (2006, p. 47): “E, acrescentaríamos, à superação do capitalismo como condição indissociável de construção de uma nova sociedade que seja a expressão e a condição de tal emancipação e de relações não-alienadas na natureza”.

No capitalismo não é possível ter *desenvolvimento sustentável*, pois esse sistema de produção funciona com os ideais de uma sociedade que responda as competições entre bancos/empresas/indústrias/tecnologias/ciências, e no qual a palavra *crecimento* exprime a ideia de que é necessário ter mais veículos trafegando, mais recursos naturais. Ele funciona através da



## n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

privatização dos lucros e da socialização das mazelas socioambientais. Destarte, as grandes corporações estão se impondo sobre as outras, expandindo suas fronteiras, através da mundialização do capital, no qual vêm planejando seu crescimento e se tornando ainda maiores. A publicidade veiculada pelas corporações continuará estimulando o fetichismo da mercadoria, impondo o consumo, e recentemente, elas incorporaram o discurso do desenvolvimento sustentável como uma forma de ofuscar nossa visão e ampliar ainda mais seus lucros.

No momento em que passamos não discutir a fundo a própria base do sistema capitalista, o mercado, a atual discussão sobre educação ambiental de forma tácita acaba por acreditar numa espécie de milagre desse *desenvolvimento sustentável* e no poder supranatural de um capital “bonzinho”. Não obstante, ao acreditar que a sustentabilidade pode e/ou deve ser obtida no interior dos mecanismos de mercado, caímos na armadilha do capitalismo verde.

Caso uma transformação revolucionária profunda, e não uma mera reforma, não ocorra, os jogos do capitalismo agressor da humanidade e destruidor da natureza continuarão, e apenas a elite dominante continuará ganhando. As cartas, neste caso, estão sempre marcadas. É preciso criar um novo jogo, com novas regras, que permita o acesso igualitário a todos, e ao reino da liberdade.

Para que essa possibilidade revolucionária se torne realidade, as instituições de ensino como partes integrantes da cultura de nossa sociedade, podem criar condições para a desocultação dessa realidade. Ao problematizar a visão de mundo imposta às massas através dos meios de comunicação, a escola estará contribuindo para iniciar o processo de transformação das cartas do atual jogo, criando brechas para mudar as pessoas, as quais, por sua vez, poderão modificar esse jogo.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Francisco José Pegado (Org.) **Educação ambiental para o semiárido**. v. 01. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

ABREU, Júlio César Andrade de. Castelo de cartas marcadas? Os movimentos sociais como agentes colaboradores no combate a corrupção pública. **Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 16, n. 1, jan./jun. 2011, p. 9-27. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/1348>>. Acesso em 24 abr. 2015.

AMORIM, Tade-Ane de. Nanotecnologia na imprensa: análise de conteúdo do jornal Folha de São Paulo. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 4, n. 2 (2), janeiro-julho/2008, p. 20-36. Disponível em: <[http://www.emtese.ufsc.br/vol4\\_2art2.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/vol4_2art2.pdf)>. Acesso em 15 ago. 2014.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense. 1982.

ARAÚJO, Cristina de Sousa Felizola; SOUSA, Antonio Nóbrega de. Estudo do processo de desertificação na caatinga: uma proposta de educação ambiental. **Ciência & Educação**, v. 17, n. 4, p. 975-986, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v17n4/a13v17n4>>. Acesso em 15 ago. 2014.

FEITOSA, Raphael Alves. Um jogo de cartas marcadas: como um jornal veicula o desenvolvimento sustentável.



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CEARÁ. **Decreto Nº 20.253, de 05.09.1989**: declara de interesse social para fins de desapropriação as áreas de terra que indica e dá outras providências. Publicada no DOE de 23.07.1990.

COSTA, Luciana Miranda. O boom ambiental na imprensa: Uma análise das notícias sobre desmatamentos e queimadas na Amazônia da década de 70 aos anos 2000. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 17, p. 47-68, jan./jun., 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/13412/9038>>. Acesso em 15 ago. 2014.

FABRÍCIO, Tércio Minto. Meio ambiente em pauta: investigando as representações ambientais em um rádio jornal diário. **Lumina**, Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, UFJF, v. 5, n. 1, junho 2011, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.lumina.jor.br/index.php/lumina/article/view/199/197>>. Acesso em 15 ago. 2014.

FARIAS, Juliana Felipe; BORGES, Felipe da Rocha; SILVA, Edson Vicente da. Educação ambiental contextualizada no semiárido cearense: Subsídios a gestão e preservação dos recursos hídricos. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 30-36, jan./jun., 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/145/pdf503>>. Acesso em 15 ago. 2014.

FEITOSA, Raphael Alves; FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. A formação de educadores ambientais na tessitura de um grupo de pesquisa. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 8, n. 1, p. 99 - 113, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/7007/5506>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

FEITOSA, Raphael Alves. Os fetichismos da Pedagogia dos três R's. **Educação Ambiental em Ação**, Novo Hamburgo, n. 44, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaaea.org/artigo.php?idartigo=1501&class=02>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

FEITOSA, Raphael Alves; DIAS, Ana Maria Iorio; FEITOSA, Viviane Alves de Oliveira. A visão oriental da relação inseparável entre ser vivo e ambiente: *esho funi*. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 12 (jan. – jun. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), jun./2012. p. 34-48. Disponível em: <[http://www.valdeci.bio.br/pdf/n12\\_2012/feitosa\\_dias\\_feitosa\\_a\\_visao.pdf](http://www.valdeci.bio.br/pdf/n12_2012/feitosa_dias_feitosa_a_visao.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2014.

FEITOSA, Raphael Alves; FEITOSA, Viviane Alves de Oliveira. Educação ambiental e o intelectual transformador. In: KATOS, Kelma Socorro Alves Lopes. **Educação ambiental e sustentabilidade III**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 271-284.

FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. **Educação ambiental dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e da cultura sertaneja nordestina. Fortaleza: Edições UFC, 2007. (Coleção Diálogos Intempestivos, 43).

FEITOSA, Raphael Alves. Um jogo de cartas marcadas: como um jornal veicula o desenvolvimento sustentável.



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

JIMENEZ, Susana; TERCEIRO, Emanoela. A crise ambiental e o papel da educação: um estudo fundado na ontologia Marxiana. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.25, n.03, p.299-325, dez., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n3/15.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2014.

LEFF, Enrique. **A racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação ambiental. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 37-53, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/6470/4659>>. Acesso em 19 ago. 2014.

LÖWY, Michael. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Volume I. Livro Primeiro. O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Nova Cultural. 1996.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: Rumo a uma teoria da transição**. Tradução: Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIGUEL, Katarini. Os paradigmas da imprensa na cobertura das políticas ambientais. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 111-131, jan./jun., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n1/07.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2014.

REDE GLOBO. 2014. **Tv Verdes Mares**. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/tvverdesmares/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. **Educação Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 24-35, 2001.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TRISTÃO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27975/29751>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

FEITOSA, Raphael Alves. Um jogo de cartas marcadas: como um jornal veicula o desenvolvimento sustentável.



n. 17 (jul. – dez. 2014), 1 jun. 2015 – Ensino de Ciências

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014**: documento final do esquema internacional de implementação. Brasília, 2005.

#### Anexo: Lista de matérias apresentadas

BRASIL PRIORIZARÁ O TEMA DA SUSTENTABILIDADE NO FÓRUM MUNDIAL DA CIÊNCIA. **Diário do Nordeste**. 22.11.2011. Disponível em: <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/cadernos/nacional/online/brasil-priorizara-o-tema-da-sustentabilidade-no-forum-mundial-da-ciencia-1.877555>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

CASTRO, Samira de. Em busca da sustentabilidade. **Diário do Nordeste**. 22.06.2011. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1000893>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

ESTÍMULO À SACOLA RETORNÁVEL. **Diário do Nordeste**. 09.05.2009. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=620897>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

JÚNIOR, Melquíades. Líder comunitário morto em Limoeiro. **Diário do Nordeste**. 23.04.2010. Disponível em: <<http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=773255>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

POLÍCIA RETIRA MANIFESTANTES, E OBRAS NO COCÓ SÃO LIBERADAS. **Diário do Nordeste**. 05.10.2013. Disponível em: <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/policia-retira-manifestantes-e-obras-no-coco-sao-liberadas-1.456538>>. Acesso em: 19 ago. 2014.